

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

NO TEMPO EM QUE OS ANIMAIS FALAVAM

Uma fábula vou contar...reconto e efabulação das narrativas de animais

Susana Sofia Marques Guilherme

Relatório realizado na Área Científica de Prática de Ensino Supervisionada no âmbito do
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Sob a Orientação:

Professora Mestre Joana Duarte

Mestrado em Educação do Ensino Pré-Escolar

2012/2013

Lisboa, julho de 2013

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

NO TEMPO EM QUE OS ANIMAIS FALAVAM

Susana Sofia Marques Guilherme

Lisboa, julho de 2013

“Sirvo-me dos animais para ensinar o homem”

(Jean de La Fontaine)

Dedicatória

Dedico este mestrado aos meus pais, à minha irmã Ana Soraia Guilherme e a uma pessoa muito especial para mim que tenho um grande respeito e mais importante que isso amo, pelo incentivo e apoio em todas as minhas escolhas e decisões.

Quero agradecer à Isabel todo o apoio que me deu durante estes quatro anos, que foi fundamental para mim, senti sempre o seu carinho e dedicação.

A vitória desta conquista dedico com todo o meu amor, unicamente, a vocês!

Só tenho a dizer obrigada por tudo!

Agradecimentos

À Professora Mestre Joana Duarte, pelas suas palavras de incentivo e pela preciosa ajuda no processo de desenvolvimento deste Relatório Final.

À Educadora cooperante da sala dos 4 anos A da Obra das Crianças da Freguesia da Lapa, Cecília Pinto, pela boa vontade e por me ter deixado à vontade para implementar este projeto.

Às crianças que, com a sua motivação e boa disposição, fizeram-me acreditar que com elas é possível fazer coisas extraordinárias.

Aos meus familiares que se preocuparam comigo e incentivaram a continuar e seguir em frente.

Resumo

A literatura tradicional em tempos muito antigos em vários continentes apareceram histórias criadas pelo povo anônimo que depois eram contadas oralmente de geração em geração. Essas histórias, de origem popular, muitas passaram de uma terras para as outras, através dos comerciantes e outros viajantes. Por serem transmitidas oralmente, as histórias nem sempre eram contadas da mesma maneira. Cada pessoa que contava a história introduzia sempre algo pessoal e por vezes esquecia-se de certos pormenores.

Para este estudo foram delineados dois objetivos: 1º Identificar e refletir quais os animais com que as crianças se identificam; 2º Compreender como é que as fábulas contribuem para a fantasia da criança.

A fábula é uma pequena narrativa em prosa ou em rima que termina sempre com uma moral, os protagonistas destas histórias animais, plantas ou objetos inanimados. Geralmente contém uma parte narrativa com uma moral, onde os animais são um exemplo para o ser humano. Cada animal que entra na fábula simboliza um aspeto ou uma qualidade do homem, como por exemplo, o leão representa a força.

No presente relatório a metodologia de investigação utilizada é o paradigma qualitativo interpretativo. Ao ter sido implementado o projeto penso que os objetivos que foram delineados foram de alguma forma ao encontro das crianças, visto que o mesmo foi feito a pensar nelas. Para perceber se os objetivos foram atingidos com sucesso ou não, foram feitas entrevistas ao grupo com quem estive, os resultados foram destintos.

Tendo em conta os resultados obtidos, penso que este trabalho acrescenta dados importantes para a caracterização das fábulas, configurando uma estrutura argumentativa em que a narração é um elemento estruturado, que serve para fazer uma argumentação.

Palavras chave: Animais, Fábulas, Fantasia, Criança.

Abstract

The traditional literature in ancient times in several continents appeared stories created by anonymous people who then were told orally from generation to generation. These stories, popular origin, many from one land to the other, through the merchants and other travellers. To be transmitted orally, the stories were not always counted in the same way. Each person that told the story introduced always something personal and sometimes forgot to certain details.

For this study were outlined two objectives: 1 Identify and reflect what the animals that children identify themselves; 2 understand how the Fables contribute to the child's fantasy.

The fable is a small narrative in prose or in rhyme that always ends with a moral, the protagonists of these stories animals, plants or inanimate objects. Usually contains a narrative with a moral part, where pets are an example for the human being. Each animal that enters the fable symbolizes a human quality or aspect, as for example, the lion represents strength.

In this report the research methodology used is the qualitative interpretive paradigm. While having been implemented the project i think the goals that were outlined were somehow meet the children, since it was made to think of them. To see if the goals were met with success or not, were made interviews to the group with whom i was, the results were separate.

Having regard to the results obtained, i think this paper adds important data for the characterization of fables, configuring an argumentative structure in that the narration is a structured element, which is used to make an argument.

Keywords: Animals, Fables, Fantasy, Child.

Índice

Introdução

a) Percurso performativo.....	1
b) Motivação para o meu estudo.....	1
c) Organização do trabalho.....	3

Parte I

Referencial teórico

1. De geração em geração eu passo a palavra.....	6
1.1. No tempo das fábulas ou apólogos.....	6
1.2. Fábulas versus contos.....	9
2. Valor pedagógico e simbólico das fábulas.....	10
3. A criança.....	16
3.1. Um olhar sobre a criança aos 4 anos.....	18
3.2. A imaginação, a fantasia e a criatividade.....	19

Parte II

Referencial metodológico

4. Metodologia.....	24
a) Procedimentos.....	25
b) Cronograma.....	27
4.1. Instrumentos de pesquisa.....	27
5. Análise de dados.....	28
6. Considerações finais.....	35
7. Bibliografia.....	37

Anexos

Anexo A: Grelha com a simbologia de cada animal

Anexo B: Entrevistas de avaliação de conhecimentos – crianças

Introdução

a) Percurso performativo

Tudo começou no ano de 2005, quando decidi tirar o curso profissional de Auxiliar de Ação Educativa. Ao longo desses três anos de curso e com as experiências vividas nos vários locais de estágio, fui ganhando prática e gosto por aquilo que fazia. Foi aqui que tomei consciência da grande responsabilidade desta profissão.

Quando terminei o curso, estive um ano a trabalhar como auxiliar, que foi uma experiência bastante gratificante a nível pessoal e principalmente profissional, e aí o meu gosto em ser educadora de infância intensificou-se.

Depois desta experiência, decidi concorrer para a faculdade e quando soube que tinha sido aceite foi o dia mais feliz da minha vida. O meu sonho foi sempre ser educadora de infância, porque para além de gostar muito de crianças, o mais importante para mim é educar, porque *educare* é ajudar a sair de.

Ao longo destes anos que tenho tido um contato mais direto com as crianças fui-me apercebendo que os educadores são adultos de referência para o desenvolvimento da criança, tendo como base uma relação de excelência.

Para mim ser educador é estar presente, respeitando o espaço de cada criança, assumindo uma atitude firme e ao mesmo tempo disponível. Em qualquer idade é preciso saber dar e receber carinho, ter a sensibilidade de perceber quando é que a criança está carente, ou de quando tem a necessidade de conversar, ou seja, dar a oportunidade de falar, expor os seus sentimentos perante os seus colegas de sala.

A parte mais gratificante de ser educador é sentirmos que a nossa profissão é uma missão da educação para o ser. Em jeito de conclusão, não me imagino a fazer outra coisa senão educar, quero fazer o que gosto por muito anos, ficar velhinha mas feliz e realizada profissionalmente. Sair do trabalho todos os dias de coração cheio!

b) Motivação para o meu estudo

A motivação de realizar este estudo, tem como base a curiosidade de saber mais sobre a literatura tradicional, em particular no género literário: fábulas.

Comecei por questionar: as crianças ouvem histórias tradicionais, ou não? Ouvem histórias com livro?

O meu estudo inicial era dar a conhecer às crianças os contos tradicionais, onde as personagens fossem animais. Estas narrativas em que as crianças desta idade identificam-se com alguns animais, são as suas preferidas. Porém quando fui estagiar apercebi-me que as crianças não tinham qualquer contato com a literatura tradicional. Assim optei por contar fábulas, aquilo que referi anteriormente, por as crianças se identificarem com o herói e por serem histórias curtas.

Quando comecei a estudar mais aprofundadamente as fábulas percebi que são pequenas narrativas com acontecimentos imaginários, no qual o autor se diverte, focando os defeitos e as qualidades do ser humano, mas concretamente do Homem, utilizando os animais como se de uma pessoa se tratassem. Para este estudo convoquei as fábulas Esopo (séc. VI a.C.), Jean de La Fontaine (séc. XVII), embora saiba que outros fabulistas são igualmente importantes, tais como: Fedro (séc. I a.C.), Bocage (séc. XVIII), João de Deus (séc. XX), entre outros, sendo que este estudo se incide nos dois primeiros. A minha escolha recaiu naqueles dois primeiros porque Esopo apresenta as suas fábulas em prosa e Jean de La Fontaine rescreve as mesma em rima.

O problema sobre o qual me vou debruçar, refletir e tentar dar respostas a partir da observação e investigação efetuada é o seguinte: De que forma é que os animais, como personagens das fábulas são inspiradores para a fantasia das crianças da faixa etária dos 4 anos?

A observação realizada aconteceu numa sala de jardim-de-infância na Obra das Crianças da Freguesia da Lapa, situado na Rua Borges Carneiro, em Lisboa. Esta é uma instituição particular de solidariedade social (IPSS), com Estatutos aprovados pelo Patriarcado e Segurança Social.

Em contexto de sala de aula, o grupo era constituído por vinte uma criança, que favoreceu um conjunto de condições para que esta observação fosse realizada, não só entre crianças, mas também entre adultos e adultos e crianças. Daqui decorreram as entrevistas que foram ao encontro com os meus princípios orientadores, sendo eles, o respeito e a partilha.

Para o estudo desta tão importância aprendizagem, a partir do problema foram levantadas duas questões que no meu ver são bastante pertinentes: Compreender porque é que os animais como personagens das fábulas revelam mais interesse para as crianças desta faixa etária?

De que modo é que os animais das fábulas desenvolvem a fantasia das crianças de 4 anos?

Tendo em conta as questões mencionadas anteriormente, foram delineados dois grandes objetivos:

1º Identificar e refletir quais os animais com que as crianças se identificam.

2º Compreender como é que as fábulas contribuem para a fantasia da criança.

Indo ao encontro dos objetivos, La Fontaine afirma ter escrito as fábulas para as crianças. O autor visa, de fato, a criança que existe em cada um de nós e aponta uma pedagogia do universo simbólico que revela o significado de cada animal e a razão pela qual se pode comparar certos homens a certos animais: “precisam de aprender o que é um leão, uma raposa e o resto; e saber porque comparamos, por vezes, um homem a esta raposa ou a este leão.” (La Fontaine, 1997, p.28).

c) Organização do trabalho

O seguinte Relatório Final de Estágio, insere-se na Área Científica do Mestrado em Educação Pré-Escolar designada de “Prática de Ensino Supervisionada” – PES.

Para uma melhor organização do que se vai explicar, o meu estudo foi dividido em duas partes, sendo eles, o referencial teórico e o referencial metodológico. Na primeira parte inclui uma revisão da literatura, sobre a Literatura Tradicional, intitulada, de *geração em geração eu passo a palavra*, outro tópico a ser tratado é conceito da fábula, com o título, *no tempo da fábulas ou apólogos*, onde é explicado a evolução da fábula e como surgiu. *Fábulas versus contos* um outro tópico a ser desenvolvido em que é refletida a diferença entre fábula e conto. No segundo ponto da mesma parte, é explicado o *valor pedagógico e o valor simbólico das fábulas*. O terceiro ponto, definimos o que é *a criança, como vimos a criança aos 4 anos* e por fim explicar de uma forma sucinta o que é *a imaginação, fantasia e criatividade*.

Na segunda parte é desenvolvida a metodologia, em que o paradigma a ser utilizado é o qualitativo interpretativo. O instrumento de pesquisa a ser utilizado foi a entrevista. Por último, temos a análise de dados, onde foram analisadas todas as entrevistas feitas às crianças da sala e os resultados das mesmas introduzidos em gráficos, e seus respectivos comentários.

Durante o estágio e perante a diversidade das fábulas que existem, tornou-se necessário selecionar apenas três fábulas, tanto de Esopo como de Jean de La Fontaine. Assim, são escolhidas as fábulas: *A Lebre e a Tartaruga*, *O Leão e o Rato* e *A Cegonha e a Raposa*.

Estas fábulas serão a base para se fazer uma análise e, depois, serão trabalhadas com crianças do Jardim de Infância.

Parte I

Referencial teórico

1. De geração em geração eu passo a palavra

O estudo de narrativas com animais, a que vulgarmente damos o nome de fábula; está associado a expressões, tais como: *literatura oral*, *literatura tradicional* ou *literatura popular*. Alguns autores questionam-se sobre a melhor maneira de qualificar este tipo de literatura que vem do povo anónimo.

As expressões acima referidas podem ser consideradas pouco claras. Daí ser necessário aprofundar as opiniões de alguns autores. A expressão *literatura oral*, tal como o nome indica, foi transmitida oralmente, de geração em geração, muito antes de ser registado por escrito. Por essa razão, é frequente existirem várias versões.

A *literatura tradicional* é muitas vezes colocada em conforto com o popular e com oral. O conceito de tradicional classifica os textos transmitidos de geração em geração, produto de uma “criação coletiva”, no sentido em que não se conhece o autor, que têm sofrido ao longo dos tempos, alterações que podem atingir diferentes textos. O conceito de “variação” é, importante para compreender melhor o funcionamento da literatura tradicional, cuja transmissão, ao longo dos séculos especialmente baseada na oralidade, varia entre a transmissão oral e a transmissão escrita, tendo em conta, as recolhas que a partir do séc. XIX começaram a ser organizadas. (Parafita, 1999, p. 41; Aguiar e Silva, 1982, p. 81)

Para além da fábula, na literatura tradicional, devem ser referidos, o mito, a lenda, o romance, o conto, o ensalmo, a oração, a anedota, a adivinha, o provérbio, a lírica, as rimas infantis, as lengalengas. Este tipo de textos pode desempenhar não uma função lúdica, pedagógica, simbólica, didática, social, mas também moralizante.

A designação *literatura popular*, para Vítor Manuel de Aguiar e Silva, considera que a expressão de literatura popular torna-se “equivoca em virtude da polissemia do lexema popular, em cuja amplitude semântica cabem significados e valores de heterogénea e contraditória natureza”. (Aguiar e Silva, 1982, p.114)

1.1. No tempo das fábulas ou apólogos

A palavra fábula etimologicamente deriva do latim *fari* que significa *falar* e do grego *phaó* que significa *dizer*, por sua vez a palavra *fábula* significa *contar algo*.

Ao ter dado início ao estudo sobre as fábulas comecei por perceber que têm uma estrutura bastante própria, podendo ser dividida em quatro partes bastante distintas: uma história curta, o diálogo, as personagens e por fim a moral. Pode-se dizer que é uma história curta porque existe sempre um conflito e isso resulta numa narrativa resumida. O diálogo na fábula é bastante objetiva não existe descrições mas sim muitos diálogos. As personagens que entram nas fábulas são os animais que são usados como personagens que representam valores, defeitos e características dos seres humanos. São utilizados de uma forma simbólica para criticar ou aclamar esses comportamentos. Por último temos a moral, que se encontra no final de cada fábula que pode ser vista também como um provérbio.

A fábula consiste numa história de ficção, de carácter popular ou artístico, sendo uma narrativa breve, com carácter simbólico. Pode ser escrita em verso ou em prosa, apresentando elementos de causa e consequência, destina-se a ilustrar um princípio e, nesta aceção, chama-se também apólogo, como se dizia no tempo dos gregos. Narra coisas imaginárias e tem sempre um apelo moral. São muito conhecidas as fábulas de Esopo pela brevidade do relato, cujas personagens são animais ou seres inanimados, que invariavelmente terminam com um ensinamento moralizante.

A fábula apresenta um ensinamento e as suas personagens são retiradas do mundo animal, vegetal e mineral, todos se comportam como seres humanos, têm o dom de falar e os mesmos vícios do homem, estabelecendo diálogos entre diferentes espécies. Ao ler uma fábula, começa a existir um jogo de palavras que produz o fator encantamento possível de levar o leitor a deparar-se com o maravilhoso, proveniente de coisas absolutamente naturais presentes em muitas das histórias infantis. A fábula é educativa, tem um carácter pedagógico por prestar-se à mimica, à dramatização e ao improviso.

No oriente, a fábula começou a ser usada muito cedo como vínculo de doutrinação budista. O fabulista Esopo, onde a sua existência foi considerada duvidosa, a ele são atribuídas as fábulas que foram reunidas por Demétrio e Folero no século IV a.C., teria sido ele uma espécie de orador popular que contava histórias para convencer os ouvintes a agirem de acordo com o bom senso e na defesa dos seus próprios interesses.

Pode-se considerar que este género literário, encontra-se dividido em três períodos. O primeiro período dá-se importância à moralidade constituído como a parte fundamental, as fábulas orientais, passaram da Índia para a China, do Tibet, à Pérsia terminando na Grécia

com Esopo. Aristóteles afirmou que as fábulas de Esopo não eram uma forma de poesia, pelo contrário, era uma forma de persuasão aos seus ouvintes. (Lobato, 1970, p. 36)

O segundo período da fábula inicia-se com imensas inovações, muito formais com Fedro, fabulista latino. A ele pode-se atribuir o mérito de ter afixado a forma literária do género fábula, o que garante a ele um lugar na poesia. Fedro começou a escrever as suas fábulas, partindo dos modelos de Esopo, sendo assim reinventados novos modelos à cerca deste género, pois ele trata das histórias usando alguma sátira, através das personagens, os animais, fazendo críticas à sociedade da época de uma forma divertida, não deixando de lado o que significa, que é a lição de moral.

Por último, temos o terceiro período que inclui os fabulistas modernos, sendo eles, Jean La Fontaine nos séculos XVIII, XIX e XX que a fábula ganhou, tornando-se famosa em grandes países sendo eles, França, Espanha, Brasil, Inglaterra, Alemanha e Portugal. Nos dias de hoje podemos encontrar alguns fabulistas, como o narrador Thomas Bakk, senão vejamos:

“...Escapei da sua história
E foi a minha vitória
Porque nessa trajetória
Fui parar na Antiguidade.
Só voltei de novo ao topo
Porque conheci Esopo
Com quem eu fiz amizade!...”
“...Depois que me conheceu,
Ficou tão amigo meu
Que p’ra mim ele escreveu
Uma história muito antiga,
Que esse gringo o La Fontein
Deu o título também
De A «CIGARRA E A FORMIGA»!...”

(Thomas Bakk, s.d., p.12)

As fábulas fazem parte dos primeiros relatos da humanidade e nos dias de hoje, alimentam o imaginário daqueles que sabem ouvir as vozes dos animais. Há mais de dois mil e quinhentos anos, as fábulas do grego Esopo, o mais antigo fabulista de que se tem conhecimento, reconheceu o valor das fábulas para a leitura da infância.

Um facto bastante importante acerca da fábula da Idade Média é que era contada ou escrita só para adultos, o seu principal objetivo era transmitir uma mensagem para homens ou mulheres, nos dias de hoje, as fábulas são direccionadas sobretudo para crianças.

Segundo Tomachevoki a fábula é “um conjunto de acontecimentos ligados entre si que nos são comunicados no decorrer da obra” (Tomachevoki citado por D’Onofrio, p.63). Pode-se perceber que a fábula possui características informativas e educativas acerca da lição de moral que a passa através dos textos, sendo capaz de intervir nos pensamentos e atitudes das pessoas.

Porém, desde a sua origem até aos dias de hoje, a fábula passou por diversas fases: da sua origem oral ao texto escrito; do verso para a prosa e vice-versa; da época clássica ao contemporâneo.

Em jeito de conclusão, é importante dizer o que é uma fábula, segundo alguns fabulistas:

- Theon (século I d.C.) – “Fábula é um discurso mentiroso que retrata uma verdade.”
- Fedro (século I d.C.) – “A Fábula tem dupla finalidade, entre ter e aconselhar.”
- La Fontaine (século XVII) – “A Fábula é uma pequena narrativa que, soube o véu da ficção guarda uma moralidade.”

1.2. Fábulas versus Conto

É comum confundirem a fábula com o conto, mas existe uma diferença bastante clara a respeito de ambos, o conto narra uma história sobre as relações humanas, já a fábula é uma história curta, em prosa ou em verso, geralmente entram animais, sob uma ação alegórica, acabando com um princípio geral ético, que se conclui naturalmente do caso narrado. Mas a principal diferença entre o conto e a fábula é que esta vem transmitir uma lição de moral, por isso é que é considerado um género educativo.

O conto é um tipo de narrativa que se opõe, pela dimensão, quer à novela, quer ao romance. É sempre uma narrativa não muito extensa e a sua brevidade tem complicações estruturais: existem poucas personagens; concentração do espaço e do tempo, tem uma ação simples e decorre de uma forma mais ou menos linear.

Embora o conto hoje seja uma forma literária reconhecida e utilizada por imensos escritores, a sua origem é humilde. Na verdade, nasceu do povo anónimo, começando por ser um relato simples e natural de situações imaginárias, destinado a ocupar os momentos de lazer. (Parafita, 1999, p. 22)

A fábula é uma história ou uma pequena narrativa em que os animais ou forças da natureza falam e têm diálogos uns com os outros como se fossem humanos. No final de cada fábula, como já referimos anteriormente há sempre uma lição ou moral a retirar. São composições literárias em que as personagens são geralmente animais, forças da natureza ou objetos, que apresentam características humanas, tais como a fala, os costumes, etc. Estas pequenas histórias são geralmente feitas para crianças e terminam com um ensinamento moral de carácter educativo. É um género narrativo que surgiu no oriente, composto por um conjunto de pequenas histórias de carácter moral. Quando as personagens são seres inanimados ou objetos, a fábula recebe o nome de apólogo. Podemos concluir que a fábula pode ser enquadrada como mais um género narrativo da literatura tradicional.

Para Parafita os contos de animais, as personagens normalmente são animais que por sua vez têm comportamentos e atitudes iguais aos homens. Assim, pode-se chamar a estes contos de fábulas. Este conceito, não sendo embora pacífico, procura envolver narrativas que, pela via figurativa ou simbólica, tendo como protagonistas os animais, que transmitem ao homem lições de conteúdo ético e de utilidade prática, perante as situações do dia-a-dia.

Neste tipo de contos os principais recetores são as crianças. Nos contos com animais a criança arranja um cúmplice incondicional, um aliado, ou seja, que reforça positivamente a criança. Só recentemente é que foram reconhecidas as grandes virtudes ao nível didático destes contos, o certo é que os animais já existem há muito tempo, sendo uma antiguidade, os animais fazem parte do imaginário da criança. (Parafita, 2001, p. 39 e 40)

2. Valor pedagógico e valor simbólico das fábulas

A fábula é um dos géneros narrativos mais antigo que se tem conhecimento e que tem vindo a passar de geração em geração, sem perder o seu valor. A maior parte das fábulas tiveram origem oral e apresentam como personagens animais que representam de forma alegórica o carácter positivo e negativo dos seres humanos.

Entre os diversos géneros a fábula foi escolhida por ser uma leitura agradável e pelo seu valor pedagógico, que possibilita ao educador rever com as crianças, conceitos, princípios e valores. As fábulas trazem a realidade de tal modo que, na consciência infantil desenvolve um ato de responsabilidade atuante.

O carácter educativo das fábulas define-se pela união da ficção e da informação, numa didática que possibilita o interesse da criança pelo assunto dado, transformando em grandes lições de vida. O lúdico das fábulas, proporciona à criança questões, desperta a sua imaginação, desenvolve a sua criatividade e também o seu espírito crítico, a fábula proporciona à criança o conhecimento do mundo e de si mesma, abrindo-lhe horizontes.

A diferença que existe dos escritores de fábulas dos outros escritores é a sabedoria de criar obras com emoção, de forma simples, na qual o elemento principal das suas histórias é o aspeto da vivência. Assim, as fábulas são criações que fazem parte das experiências aproveitando de forma criativa as narrativas das lendas e mitos dando-lhes vidas e levando para a realidade. (Pereira, 2007)

As fábulas são histórias imaginárias que tentam explicar o comportamento dos homens, fazendo um alerta para o que pode existir entre a fala das pessoas e das suas ações. Delas retira-se sempre uma moral. (Pereira, 2007)

A fábula sendo um género literário antigo, é encontrado praticamente em todos os períodos da história e em várias culturas. O seu carácter universal deve-se principalmente, pelo fato de ter uma grande ligação com a sabedoria popular, tirando delas um conhecimento útil sobre o que acontece na nossa vida. Todas as fábulas retratam as atitudes humanas, como a disputa entre os fortes e os fracos, a esperteza, a ganância, a gratidão e a bondade. Estes fatores facilitam a compreensão de certos valores da conduta humana. (Pereira, 2007)

Estes valores estão contidos nas histórias, são transmitidos às crianças por meio de uma linguagem simbólica que pertence à história, pois na grande maioria das histórias o bem e o mal são facilmente identificados por elas.

Com as fábulas é possível trabalhar os valores humanos, conduzir as crianças não só na aprendizagem, mas permitir que as mesmas compreendam os aspetos positivos e negativos que podem conter. A compreensão da fábula traz consigo a fantasia e a imaginação que

permitem e possibilitam o despertar de processos criativos, por isso é que as fábulas são importantes para o desenvolvimento da criança.

Este género é considerado uma ferramenta importante para a aprendizagem de valores e de comportamentos socialmente valorizados. A criança une o real ao imaginário, constrói o seu pensamento e adquire as suas conquistas a nível cognitivo, através do lúdico. É de suma importância que a criança tenha contacto com as fábulas, pois cada uma revela um aspeto de transformar ou enriquecer a sua própria experiência de vida.

O educador tem uma grande influência na vida das crianças, a sua ação não é apenas ensinar, mas sim despertar a consciência, promover a liberdade, tornando-se formador da personalidade. As fábulas podem ainda possibilitar às crianças a vivência de novas experiências, conseguirem expressar os seus sentimentos, pensamentos e emoções, tendo acesso a novas informações, tendo como instrumento a construção os valores humanos, que permitem à criança identificá-los como seres humanos que são.

O carácter educativo das fábulas define-se pela união da ficção e informação, numa didática que possibilita o interesse da criança. As fábulas além de levar a criança ao imaginário transmitem uma moral, onde o certo deve ser feito e o errado evitado. Estas histórias foram escritas, através de um jogo de palavras, que ativa a imaginação das crianças permitindo a concretização de um sonho. Dessa forma o livro é levado ao mundo da imaginação sendo objeto de prazer e satisfação, fazendo com que as crianças associem ao imaginário. Pode-se dizer que existem três características fundamentais nas fábulas, sendo elas: a simplicidade, a clareza e a fantasia. A fábula é grande aliada no trabalho pedagógico, como na oralidade e na escrita.

Relativamente à simbologia das fábulas pode-se dizer que se trata de uma temática animal continua a ser decisiva na produção contemporânea destinada à infância. O conjunto de espécies selecionados não é facultativo e corresponde a propósitos relacionados quer com as preferências dos autores, quer com o simbolismo dos animais escolhidos nas fábulas. A aproximação entre a criança e os animais do ponto de vista do comportamento, dos sentimentos e até das emoções permite aos autores recriar situações com que o leitor se pode identificar porque as reconhece como próximas e significativas. É geralmente aceite a ideia de que os animais são de grande interesse para a criança desde muito pequena.

Assim, as fábulas acabam por transmitir normas de conduta para a essência humana como formas de expressão, de emoções e sentimentos ao mesmo tempo apresentam uma crítica à sociedade. Nas fábulas cada animal simboliza algum aspecto ou qualidade do homem. Assim sendo, foi construída uma grelha, de forma a ajudar-me na minha ação educativa, baseando-me no dicionário dos símbolos. (ver anexo A).

Após ter analisado mais ou menos cem fábulas dos livros Jean La Fontaine Fábulas e As Fábulas de Esopo, onde encontrei os mais diversificados animais, como o corvo, o veado, o macaco, a cigarra, a formiga, o mosquito, a pomba, o cordeiro, o cão, a rã, o gato, a aranha, o burro e a andorinha, escolhi apenas oito animais para conhecer sua simbologia: o leão, a raposa, o lobo, o rato, a cegonha, a garça, a lebre e a tartaruga. Este critério na escolha das fábulas teve como pressuposto a preferência das crianças por esses animais narrados nas fábulas.

De seguida será descrito a simbologia de cada animal e a forma como ele é visto em diferentes países ou continentes.

Começarei com o excerto da fábula “O Leão e o Rato”, “(...) O leão estava furioso e rugia de raiva. O som ecoou pelos bosques e o ratinho, reconhecendo a voz do leão, decidiu ir ver o que se passava.” (Esopo, 2010, p.16).

Para falar do simbolismo de cada animal que foi referido anteriormente baseei-me nos seguintes autores Bierderman (1994) e Chevalier e Gheerbrant (1982). O leão simboliza o sol e também o sexo masculino. Na antiguidade existiam leões não apenas na África, mas também no Oriente e na Índia. Representavam o poder dos reis e eram usados nas caças. O leão é considerado um símbolo budista. É comum que a imagem de leões seja colocada em prédios, talvez para reforçar a proteção. O leão é um dos animais mais importantes na arte heráldica, provavelmente porque a nobreza desejava estar associada ao seu valor e força.

Existem vários contos sobre um leão feroz que se tornou amigo de um outro animal que o ajudou. Como Ândrocles na fábula de Esopo, diz-se que São Jerónimo extraiu um espinho da pata de um leão. Em agradecimento, o animal tornou-se manso e passou a viver em paz com o santo. Este é um símbolo de domínio do homem sobre sua própria natureza animal.

O rato é um animal que normalmente é visto de uma forma negativa, por vezes pode adquirir um carácter espiritual. O “caçador de rato de Hamelin” é muitas vezes interpretado como sendo o capturador de almas, tentador e enganoso. Por causa da sua capacidade de destruir as provisões e de transmitir epidemias, o rato está associado ao diabo e a forças diabólicas é acusado de ajudar as feiticeiras a desmoralizar os homens ingênuos. Nas civilizações da Ásia meridional e oriental a imagem do rato era vista de uma forma diferente. Na Índia, é protegido em templos próprios, provavelmente porque se pensava que tivesse faculdades mágicas nos confrontos com os demónios responsáveis pelas doenças. No Japão e na China, a falta de ratos nas casas e nos pátios era interpretada como sendo negativo. No sul da China, ele adquire a função de um herói cultural, que trouxe arroz para o homem. Na tradição medieval, quando o rato aparece nos sonhos significa que é preciso prestar atenção às palavras e nas pequenas coisas da vida.

Na fábula a “A Raposa e a Cegonha”, “ (...) A raposa matreira lambeu tudo até à última gota e depois encostou-se para trás a observá-la com um sorriso malicioso.” (Esopo, 2010, p.28).

A raposa, em muitas tradições populares significa esperteza e falsidade. A cor do seu pelo avermelhado faz lembrar o fogo. Na Antiga Roma, a raposa era considerado um demónio do fogo. Na festa da deusa Ceres, algumas raposas com tochas ardentes presas ao rabo eram perseguidas através do campo para amaldiçoar os incêndios das plantações. Contra encantamentos pregava-se na porta uma estrela-do-mar pincelada com o sangue da raposa. Na Antiga China, as raposas eram consideradas animais particularmente sensuais, motivo pelo qual os testículos da raposa amolecidos no vinho era considerado um elixir para um amor inevitável, acredita-se também que a cauda da raposa amarrada ao braço tivesse um efeito sexual.

Para os Germanos, a raposa era o animal simbólico do deus enganador Loki. Na Ásia Oriental, as raposas são vistas como símbolos eróticos. Nas sagas Japonesas, as raposas desempenham o papel de feiticeiras e pede-se que sejam queimadas e as suas cinzas espalhadas pelo rio. No Norte da Áustria, a raposa era sinónimo de “diabo”. E nas versões portuguesas a raposa revela-se matreira e lambeira.

A cegonha é vista como sendo o símbolo da felicidade, é uma ave que demonstra a dedicação pelos seus filhos. Na Grécia Antiga, os gregos criaram a lei da cegonha, esta lei

baseia-se na reciprocidade que as crias da cegonha tinham para com os seus pais idosos, cuidam deles com as suas penas e são alimentados dos produtos que são caçados. Na Idade Moderna, havia cartões que mostravam o afeto das cegonhas, onde trazia um bebé embrulhado numa fralda, pendurado no bico, representando assim os nascimentos dos bebés. O povo Oriental acredita que a cegonha é um animal que atrai uma longevidade, além disso, também representa a fertilidade. Sob o ponto de vista cristão, a cegonha é vista como sendo “inimiga do mal” porque se alimenta de serpentes, as mesmas que simbolizam o diabo.

A fábula “O Lobo e a Garça”, (...) Assim, a garça ingénua enfiou a cabeça pela gigantesca garganta do lobo abaixo e retirou cuidadosamente a espinha.” (Esopo, 2010, p.10).

O lado negativo do lobo assombrou mentalidades. Na metodologia greco-latina, o lobo de mormoliceu, ama-de-leite de Aqueronte, era usada para assustar as crianças. No conto tradicional, “O Capuchinho Vermelho”, faz com que tenhamos medo do “lobo mau”, não sendo possível ver que não há outro lado senão o de mau. Hades, o senhor dos infernos, utiliza uma capa de lobo. O deus da morte dos etruscos é representado com as orelhas de lobo. Nos tempos negros em que se sacrificavam os humanos a Zeus por melhores colheitas, o deus assumia a forma lupina.

Enquanto os bruxos e as bruxas se transformavam em lobos para irem aos sabás, na Espanha o lobo era conhecido como assuada dos feiticeiros. Na mitologia nórdica, Fenrir é o lobo gigante, um dos mais inabaláveis inimigos dos deuses. Na mitologia egípcia, Anúbis é chamado de Impu “aquele que tem a forma de um cão selvagem”, em Cinópolis é venerado como o deus dos infernos. Da mesma forma, os algonquinos e a tribo mazi (povo indígenas do sul do Canadá) veem o lobo como uma criatura intermediária entre a natureza divina e humana, senhor do reino dos mortos no ocidente.

O lobo nas lendas populares do ocidente é uma praga maligna que destrói os rebanhos e quando é tocado pela magia, um vetor da licantropia (as suas vítimas são transformadas em lobisomens). O lobo e a sua goela negra é o símbolo do fim, da passagem e dos perigos. Para o povo muçulmano, ele é um dos obstáculos no seu caminho para meca, podendo assumir a forma bestial e monstruosa da besta do apocalipse.

A garça é vista como um símbolo de Cristo e no Egipto era usada como um pássaro sagrado. No Japão a garça é uma ave popular, que simboliza a saúde, fortuna, boa sorte e a felicidade. Costuma-se dizer que esta ave é o símbolo da longevidade. A garça era um animal

usual das ilhas britânicas. Virou uma tradição celta após a chegada do Cristianismo. A garça está relacionada com a Cailleach e Manannan Mac Lir, que fez uma mala com pele de garça. Este animal por causa das suas cores, preto, branco e vermelho, era um pássaro que representava a lua, era sagrado para a Deusa Tríplice. Havia magia, viagens xamânicas, aprendeu a manter segredos, atingindo mistérios mais profundos e verdades que foi ensinado pela garça.

Por último temos a fábula “A Lebre e a Tartaruga”, (...) A tartaruga deu início à corrida e a lebre correu a toda a velocidade e depressa desapareceu para lá da colina. A tartaruga continuou a andar, passo lento e constante. (Esopo, 2010, p. 30).

A lebre é considerada pelos povos indígenas o símbolo do sustento para o reino animal, o coelho e a lebre pertencem à mesma família e ambos representam a inocência, a fertilidade, medo, abundância, crescimento e agilidade. Em tempos antigos, o coelho e a lebre simbolizam a abundância, a sexualidade, luxúria e a fertilidade. Em algumas partes do mundo a lebre é vista como trapaceira, às vezes herói, quase sempre agradável, mas muitas vezes imoral. No Japão, na história do coelho branco foi muito inteligente e arrogante para seu bem mas obteve resultados desastrosos. Ainda no Oriente, no zodíaco chinês, o coelho é o mais feliz dos doze símbolos, é amável, popular, afetuoso e tolerante. Na China, também a lebre é um símbolo de longa vida. Na América do Norte, o coelho é símbolo de fertilidade, mas também significa que devemos estar calmos na hora do perigo.

A tartaruga é a imagem de um animal que representa a força oculta e a capacidade de defender-se de qualquer ataque externo. Na Antiga China, é referido uma tartaruga marinha de dimensões cósmicas porque sobre as suas costas repousa a terra. Ainda na China, a tartaruga, um dos cinco animais sagrados, personifica o Norte, a água e o inverno. Devido à sua longevidade, o animal era considerado o símbolo da “longa vida”, enquanto por sua invulnerabilidade, era símbolo da ordem inalterável.

Na Antiguidade Europeia, devido à grande quantidade de ovos, a tartaruga era apreciada o símbolo da fertilidade, e por causa da sua “contenção silenciosa”, é um símbolo do amor decente, a sua longa vida fazia dela a quintessência da vitalidade. Na Patrística, o “animal que anda na lama” tornou-se um símbolo de apego à terra. Na Índia, a tartaruga era considerada a segunda personificação do deus Vishnu.

3. A criança

A palavra infância deriva etimologicamente da palavra *infantia* é a dificuldade ou incapacidade de falar, criança (indivíduo na infância, criação) é o que é novo, novidade. A infância é símbolo de simplicidade natural, de espontaneidade. (Friedman, 2005, p.17)

A criança, está sempre em formação, tendo o direito de ter todos os auxílios e condições que lhe permitam ter um desenvolvimento completo das suas capacidades, a nível físico, psíquico, espiritual, moral e social, de modo a garantir a sua dignidade. Os estudos sobre a criança e a infância revelam que os autores ainda não chegaram a um consenso ao que diz respeito ao conceito de criança, mas conseguem apontar algumas características do que é ser criança de acordo com o tempo e lugar. Para Stearns (2006), toda a criança é frágil e precisa de atenção e de cuidados, como a alimentação e de cuidados físicos, que vai precisar desses cuidados durante muito tempo. As crianças normalmente são vistas como seres diferentes em relação aos adultos, que precisam de ser preparadas para esta fase da vida. As características referidas anteriormente nem sempre foram respeitadas. Nos séculos XV e XVI, as crianças não eram vistas como seres inseridos na sociedade. Muitas crianças morreram, pois não tinham cuidado com a saúde das mesmas. Só nos séculos XVII e XVIII é que a criança começou a ser vista de outra forma.

As expressões de criança e infância são bastante diferentes. Segundo Fernandes (2004) diferencia criança e infância da seguinte forma: a infância refere-se a um período da vida humana enquanto criança trata-se de uma “realidade psicobiológica” do indivíduo. Essa diferença é bastante importante, apesar de serem expressões bastante usadas para descrever um período de vida, ambas possuem as suas diferenças.

Podemos chegar à conclusão que ao estarmos a tratar destes conceitos, são muito complicados porque são construídos de maneiras diferentes por cada sociedade e em cada tempo histórico, onde o contexto é de total importância. Ainda nenhum autor chegou a um consentimento, é certo que muita coisa mudou ao longo dos anos e que hoje a criança desempenha um papel fundamental na maioria das sociedades.

Segundo Ligon, a criança dos 4 aos 6 anos possui uma imaginação muito fértil, por sua vez outros autores dizem, que por volta dos 5 anos, existe uma pequena diminuição da criatividade.

- Durante este período, a criança desenvolve, pela primeira vez, a capacidade de planear e começa a gostar de planear antecipadamente a sua ação criadora;

-Apercebe-se dos papéis sociais dos adultos e apreende-os através de jogos dramáticos em que os simula;

- É capaz de organizar processos de criação através da relação de acontecimentos isolados, embora não chegue a compreender a razão dessa relação;

- É o grande período de criatividade expressiva, espontânea, viva e produtiva.

Ao estimularmos a criatividade é provar à criança que se confia nela, nas suas capacidades de realização, levando-a a descobrir que a criação é mais importante do que a simples execução produtiva. Ela própria compreende que afinal a técnica é apenas um meio para dar forma à sua imaginação criativa.

Deve-se encarar a criação como uma necessidade biológica da criança, tal como as outras necessidades. A vida da criança está em constante desenvolvimento, neste sentido está inteiramente voltada para a construção e criação de si mesma. Criar é mais importante que contemplar a criação alheia. A criança prefere fazer do que assistir.

3.1. Um olhar sobre a criança aos 4 anos

Ao *nível do comportamento*, a criança de 4 anos apresenta-se mais evoluída do que quando tinha três anos e meio. Esta evolução ocorre nos diversos fatores do seu comportamento, sendo estes níveis “motor de adaptação, de linguagem e socio pessoal” (Gesell, 1979, p.199).

Nas suas ações do dia-a-dia consegue agora conciliar dois movimentos diferentes, desenvolvendo-os ao mesmo tempo, aspeto que não era possível antes de alcançar esta faixa etária, tal como Gesell defende “consegue, ao mesmo tempo, falar e comer. Quando era mais nova, ou falava ou comia” (1979, p.200). Ao *nível da brincadeira*, a criança já prefere a companhia de outras crianças, não gostando tanto de brincar sozinha. Demonstra um grande interesse em explorar diferentes materiais de trabalho, elaborando trabalhos com os mesmos. Gosta de ver exposto os seus trabalhos, gosta de os ver e gosta também que outras pessoas os vejam.

Segundo Gesell, a criança de quatro anos “carece agora de maior largueza, de mais liberdade, mas precisa também de um controlo de regras, porque tende a passar rapidamente as marcas” (1979, p.207). A criação de regras é muito importante para a criança, pois esta precisa de saber até onde pode ir e, para tal é necessária a ajuda do adulto. Juntamente com o

mesmo, a criança pode criar as suas próprias regras. A sociabilidade é uma área que não apresenta qualquer tipo de problemas para a criança de quatro anos, sendo esta muito sociável.

Estar com outras crianças e agora o seu maior interesse, recusando-se “a ir a sítios onde sabe que as não há” (Gesell, 1979, p.207). Devido à sua capacidade de mudança de brincadeiras e também à grande capacidade imaginativa que tem, as suas brincadeiras são mais sossegadas. Nos momentos de brincadeira entre as crianças, é normal que sujam desentendimentos, sendo a criança de quatro anos capaz de resolver a situação sozinha. No entanto, estes momentos de brincadeira devem ter a supervisão do adulto.

Ao *nível da linguagem*, “a criança de 4 anos é muito faladora” (Gesell, 1979, p.200). A aprendizagem de palavras novas fascina a criança desta idade. Esta experimenta-as, para que estas se tornem familiares. A criança tem agora uma grande capacidade para ela própria criar palavras, palavras que são associadas a algo.

Nas suas conversas com o adulto, gosta muito de colocar questões, através do uso do “porquê”. Esta é uma das palavras mais utilizadas pela criança desta faixa etária, estando esta em busca de novos conhecimentos. Enquanto a criança não ficar satisfeita com as explicações às suas capacidades, não abandonará aquele tema de conversa.

Ao *nível do controlo dos esfíncteres*, a criança de quatro anos, no que requer esta área, sabem, na maioria, tomar conta de si. No entanto, há crianças que necessitam ainda de ajuda para se limpar, depois de fazerem “cocó”. A privacidade é um aspeto muito importante, havendo muitas crianças que a exigem quando estão na casa de banho, fechando a porta. Observar outras pessoas na casa de banho é um aspeto que desperta curiosidade na criança de quatro anos. Nesta idade há ainda um número reduzido de crianças que necessitam de ajuda para ir à casa de banho, durante a noite.

3.2. A imaginação, fantasia e criatividade

A palavra imaginação etimologicamente deriva do latim *imaginari*, *imago* e *imitari* que significa *formar uma imagem mental de algo, imagem, representação e copiar, fazer semelhante*.

Na perspectiva de Bachelard (1938) a imaginação procede da percepção, deformando-a e transformando-a. O autor citado definiu três tipos de imaginação, sendo elas, a imaginação formal, a imaginação material e a imaginação dinâmica.

Na imaginação formal as imagens do exterior estão associadas a uma composição, para se chegar a valores objetivos, socialmente negociáveis. A imaginação material, que não só se serve das imagens com formas, mas define-se pelos “devaneios da matéria”. Aqui já não se trata da composição, mas da combinação de imagens extraídas. Por último temos a imaginação dinâmica, que é a continuação natural da imaginação material.

Para Vygotsky (1990) a imaginação tem um aspeto positivo e construtivo. Tendo como base uma inadaptação da criança, que gera necessidades, sonhos e desejos, ela é o princípio para a criação de tudo o que é novo em toda a vida cultural, e para a expansão de conhecimentos. “ (...) A imaginação, como base de toda a atividade criativa, manifestada por igual em todos os aspetos da vida cultural, permitindo a criação artística, científica e técnica.” (Vygotsky, 1990, p.10)

Ainda é possível compreender a valorização da imaginação como sendo uma atividade importante para a mente humana. É diferente de outras criações da imaginação que a colocam como algo sem importância ou como um “divertimento caprichoso do cérebro”, ele refere-se a ela como sendo uma “função vitalmente necessária” e de enorme complexidade. (Vygotsky, 1990, p.15).

O autor citado explica que existem dois tipos de concepções diferentes da imaginação. Uma concepção vulgar que se entende por imaginação é o irreal, ou seja, é aquilo que não se ajusta à realidade e que necessita de ter um valor prático. (Vygotsky, 1990). A outra concepção, é a científica que a própria psicologia faz da imaginação uma atividade criadora e construtiva do cérebro humano.

No entender da psicologia histórico-cultural, o nosso cérebro é enriquecido com duas atividades, uma atividade conservadora, ou seja, a memória; e a segunda atividade é a combinatória, criativa, construtiva, ou seja, a imaginação. A imaginação serve-se da memória para as suas construções, e “toda a atividade humana que não se limita a reproduzir acontecimentos e de impressões vividas, pertence à segunda função a criadora e combinatória”. (Vygotsky, 1990, p.9). Deste modo, é possível entender que a atividade do

cérebro leva o homem a estar centrado para o futuro, sendo capaz de fazer novas criações, construções e descobertas, garantindo assim o seu desenvolvimento para com a sociedade.

A palavra fantasia etimologicamente deriva do grego *phos* e *phainein* que significa *luz* e *fazer aparecer*. Segundo Roudinesco (1999), o termo fantasia designa a vida imaginária da criança e a maneira como esta representa para si mesmo a sua história ou a história das suas origens.

Freud (1917), parece não ter conseguido desenvolver o conceito de fantasia de uma forma muito aprofundada, utilizando o termo fantasia em diversos contextos. Segundo Spillius (2007), as suas ideias sobre a fantasia estão espalhadas há mais de vinte anos nas obras da psicanálise.

A fantasia passa a ser sinónimo da realidade psíquica e também objeto de investigação. Segundo Spillius (2007), as primeiras descobertas que Freud fez foi que no inconsciente não se especificam fantasias. O autor Freud é o que consegue chegar mais perto do conceito de fantasia, a fantasia é um recurso utilizado na satisfação parcial de um desejo inconsciente. “A fantasia é o reino intermédio que se inseriu entre a vida segundo o princípio de prazer e a vida segundo o princípio da realidade.” (Freud, citado por Nasio, 1997)

Para Spillius (2007), a ideia de fantasia, está relacionada com o desenvolvimento da mente. Existem duas lógicas sobre o funcionamento da mente: o processo primário e o processo secundário. No primeiro processo, a característica do sistema é o inconsciente, não existe oposição, não há negação do conflito. O segundo processo foi definido como sendo um pensamento racional da lógica comum, tendo os sistemas pré-consciente e consciente.

Em suma, a ideia principal do conceito de fantasia para Freud tem dois focos centrais: a noção de que ela se origina a partir do processo secundário e a noção de que ela nada mais é do que a expressão disfarçada da satisfação parcial de um desejo inconsciente que não pode ser realizado.

A palavra criatividade etimologicamente deriva do latim *creare* e *creatione* que significa *criar* e *criação*. A criação e a criatividade são duas definições distintas. A criação refere-se ao aparecimento real de uma coisa, de uma obra que não existia antes, por uma ação ponderada e consistente de um ser. A criatividade é uma capacidade, uma aptidão. No entanto

ela é inútil se não conduzir à ação. Não basta ter um talento criador, é necessário aplicá-lo na ação criadora. (Sousa, 2003).

A criatividade define-se pelas obras que cria e só por meio delas existirá. A criatividade é a causa e a criação do efeito. Pode-se ter uma excelente ideia ou imaginar-se um belo poema, mas se não se explica a ideia ou não se escreve o poema, esse potencial criativo será inútil. Se abordarmos o conceito de criatividade através de alguns investigadores desta área, verifica-se que quase todos estão de acordo, de modo geral, com estas definições, cada um, reflete e dá a sua opinião a nível pessoal.

Segundo Guilford (1956), observa a criatividade como sendo “a habilidade de gerar um leque de soluções possíveis para um problema que não tem resposta direta e simples” e Drevdahl (1956), considera que a criatividade é uma capacidade e específica que “a criatividade é a capacidade do homem produzir resultados de pensamento de qualquer índice, que sejam essencialmente novos e que eram previamente desconhecidos de quem os produz. Pode tratar-se de imaginação ou de uma síntese mental que seja mais do que um mero resumo. A criatividade pode implicar a generalização de novos sistemas e combinações de informações conhecidas, como também a transferência de relações conhecidas a novas situações e o estabelecimento de novas correlações. Uma atividade criativa deverá ser intencional e dirigida a um fim, não útil ou fantástica, ainda que o produto não tenha que ser imediatamente aplicável à prática nem perfeito ou acabado de todo. Pode adotar uma forma artística, literária ou científica, de realização técnica ou metodológica.” (Drevdahl, citado por Sousa, 2003, p.188)

Para Wollschalager (1972), a “criatividade é a atitude de encontrar novas inter-relações, de mudar significativamente as normas tradicionais, contribuindo assim para a solução geral dos problemas da realidade social.” (Wollschalager, citado por Sousa, 2003, p.188)

Em 1955, Taylor desenvolveu cinco tipos de criatividade, que foram reconhecidas por quase todos os autores, sendo elas: a criatividade expressiva, a criatividade produtiva, a criatividade inventiva, a criatividade inovadora e por fim a criatividade emergente.

A criatividade parece, ser uma capacidade ou uma aptidão humana para produzir ações intelectuais inteiramente novas e desconhecidas de quem as produz.

Referencial metodológico

4. Metodologia

No enquadramento deste relatório, a metodologia a aplicar fundamenta-se no paradigma qualitativo e interpretativo, mas é fundamental explicar o que significa um paradigma. A palavra paradigma etimologicamente deriva do grego *paradeigma* que significa *modelo, padrão*.

A noção de paradigma é utilizada agora de forma corrente, para analisar a evolução das teorias do conhecimento. Foi Kuhn (1991), que popularizou a utilização deste termo. O termo paradigma pode, em Kuhn, assumir vários sentidos. Em seguida será explicado de uma forma pormenorizada, em que é que consiste o paradigma qualitativo interpretativo, que é a metodologia utilizada neste relatório.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa surgiu no final do século XIX e no início do século XX, nas décadas de 1960 e 1970 é que começou a atingir o auge e isto só aconteceu por vias de novos estudos e através da sua divulgação. Para Ludke e André (1986), a pesquisa qualitativa pode assumir várias formas, destacando-se, principalmente, a pesquisa etnográfica e o estudo de um caso. Ambos têm vindo a ganhar credibilidade na área da educação, mais precisamente para investigar questões relacionadas com a escola.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa encontra-se dividida em cinco características:

1. A fonte direta dos dados é o ambiente natural e o investigador é o principal agente na recolha desses mesmos dados;
2. Os dados que o investigador recolhe são essencialmente de carácter descritivo;
3. Os investigadores que utilizam metodologias qualitativas interessam-se mais pelo processo em si do que propriamente pelos resultados;
4. A análise dos dados é feita de forma sugestiva;
5. o investigador interessa-se, a cima de tudo, por tentar compreender o significado que os participantes atribuem às suas experiências.

Ainda citando os autores referidos anteriormente, na investigação qualitativa em educação, o investigador comporta-se mais de acordo com o viajante que não imagina do que com aquele que imagina o faz meticulosamente. Enquanto a investigação quantitativa utiliza dados de natureza numérica que permite provar relações entre variáveis, a investigação qualitativa utiliza principalmente metodologias que possam criar dados descritivos que lhe permitirá observar o modo de pensar dos participantes numa investigação.

Bogdan e Taylor (1986), referem que nos métodos qualitativos o investigador deve estar integralmente envolvido no campo de ação dos investigados, uma vez que, na sua essência, este método de investigação baseia-se especialmente na conversa, ou seja, ouvir e permitir que os participantes se consigam exprimir. Continuando com o mesmo pensamento, os autores atrás referidos dizem que a investigação qualitativa, por autorizar a subjetividade do investigador na procura do conhecimento, implica que permaneça uma maior diversificação nos procedimentos metodológicos utilizados na investigação.

O presente estudo em educação insere-se numa investigação de aspeto qualitativo uma vez que decorreu no jardim-de-infância.

a) Procedimentos

No início do ano letivo, começamos por ter aulas teórico-práticas da Unidade Curricular “Investigação em Educação”. Com estas aulas teórico-práticas começou por haver uma apresentação desta Unidade Curricular, onde é explicado claramente que o aluno tem que adquirir competências, enquanto futuro profissional em Educação.

Logo de seguida foi-nos explicado a estrutura de um Relatório Final, dizendo que devemos ser observadores enquanto investigadores, após esta explicação tivemos conhecimento do livro de Natércio Afonso, tendo como nome, *Investigação Naturalista em Educação: guia prático e crítico*, a turma foi dividida em pequenos grupos e a docente desta Unidade Curricular dava um tema do livro a um determinado grupo para o desenvolver e apresentar posteriormente.

Em janeiro, deu-se início ao estágio em contexto de Creche, tivemos que recolher algumas Notas de Campo, embora ainda, com cariz meramente exploratório visto que ainda não se tinha definido tema/problema. Nesta primeira fase de estágio foi pedido para fazer uma

síntese reflexiva onde tínhamos que falar sobre os fatores significativos que estavam a ser observados.

Ao finalizar este estágio, voltamos a ter aulas teórico-práticas da Unidade de “Investigação em Educação”, elaboramos trabalhos de grupo, onde estes falavam sobre os diversos paradigmas. Estes trabalhos foram realizados com a supervisão da professora responsável por esta Unidade Curricular.

Fomos para o segundo estágio em contexto de Jardim de Infância com o problema, já definido. Neste estágio tivemos a possibilidade de escolher qual o instrumento de pesquisa que queríamos utilizar, no meu caso escolhi a entrevista.

Ao longo deste estágio e ao mesmo tempo que íamos executando o nosso trabalho de investigação pela observação direta e participante, tivemos alguns encontros na ESEI Maria Ulrich, nestes encontros os alunos podiam-se reunir com os seus orientadores para ter um apoio mais individualizado para a elaboração do Relatório Final.

Durante o estágio, tivemos, diversas sessões de Orientação Tutorial por parte do docente orientador para nos ajudar na preparação do Relatório Final. Nestes encontros tivemos conhecimento de alguns temas que iam ser tratados bem como, tínhamos a possibilidade de tirar dúvidas e até mesmo de ajudar se fosse necessário.

Fui elaborando o Relatório Final, primeiro, definir o problema, fazer questões ao mesmo, de seguida os objetivos e por fim a metodologia que foi utilizada, fazendo referência ao paradigma utilizado e a escolha da entrevista como instrumento de pesquisa, como foram feitas, refletindo e analisando a fundamentação teórica em causa.

Após isto tudo feito, foi elaborado um cronograma, onde é explicado de forma clara os vários procedimentos por que passei, efetuei a análise de dados, que cada gráfico foi analisado e observado para chegar a uma conclusão.

Por último elaborei, a introdução, as considerações finais, terminando este trabalho com o resumo, dedicatória, agradecimentos e o respetivo índice.

b) Cronograma

PES	Nov/Dez.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun	Jul.
Aulas teóricas de Investigação em Educação	Apresentação: Do tema escolhido ser desenvolvido	Estrutura de como é feito o Relatório Final	Explicação dos objetivos da PES	Apresentação de trabalhos sobre o paradigma qualitativo interpretativo				
1º estágio Creche		Recolha de notas de campo/obrigatórias com síntese reflexiva						
2º estágio Jardim de Infância					Entrevistas às crianças para obter resultados mais concretos			
Orientação Tutorial					Acompanhamento individualizado e em grupo à investigação do Relatório Final			
Elaboração do Relatório Final/Tra- balho de Investigação		1ª abordagem do problema: - dúvidas/esclarecimentos		Definição definitiva do problema	Definição das questões; Recolha para o referencial teórico	Definição dos objetivos e continuação da recolha para o referencial teórico	Recolha para o referencial metodológico	Elaboração da conclusão e das referências bibliográficas

4.1. Instrumentos de pesquisa

No âmbito desta investigação efetuada segundo o paradigma qualitativo interpretativo o instrumento de recolha de dados escolhido e eleito como exclusivo para o efeito foi a “Entrevista”. (ver anexo B).

Para Patton (1990) citado por Tuckman (2000, p. 517), refere que há três tipos de entrevistas que variam entre as que são totalmente informais ou de conservação e as que são totalmente estruturadas e fechadas. As entrevistas qualitativas como refere Bogdan e Biklen (1994, p. 135), variam conforme o grau de estruturação, desde as entrevistas estruturadas até às entrevistas não estruturadas. No entanto, estes autores referem que as entrevistas semiestruturadas têm a vantagem de se ficar com a certeza de que vamos obter dados que podem ser comparáveis entre os vários sujeitos.

Neste estudo, optou-se pelas entrevistas semiestruturadas por serem mais adequadas e por permitirem maior segurança ao investigador. Estas foram então conduzidas através de uma guião onde se encontravam algumas questões gerais que foram sendo exploradas mediante as respostas dadas pelas crianças. Neste contexto, Menton e Kendall (1946) citado por Bogdan e Biklen (1994, p.134), referem que as entrevistas qualitativas podem ser

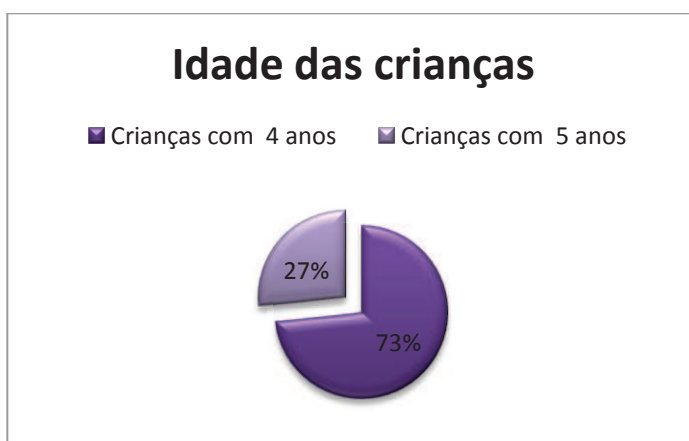
relativamente abertas, centrando-se em determinados tópicos, ou podem ser guiados por questões gerais.

As entrevistas foram feitas num ambiente calmo, descontraído e sem pressões, procurando deixar sempre as crianças responderem à vontade. Biggs (1996) citado por Bogdan e Biklen (1996, p.136), refere que as boas entrevistas caracterizam-se pelo facto de os indivíduos estarem à vontade e falarem livremente acerca dos seus pontos de vista. Como refere Bogdan e Biklen (1994, p.136), “as entrevistas, devem evitar perguntas que possam ser respondidas “sim” e “não”, uma vez que os pormenores e os detalhes são revelados a partir de perguntas que exigem exploração”.

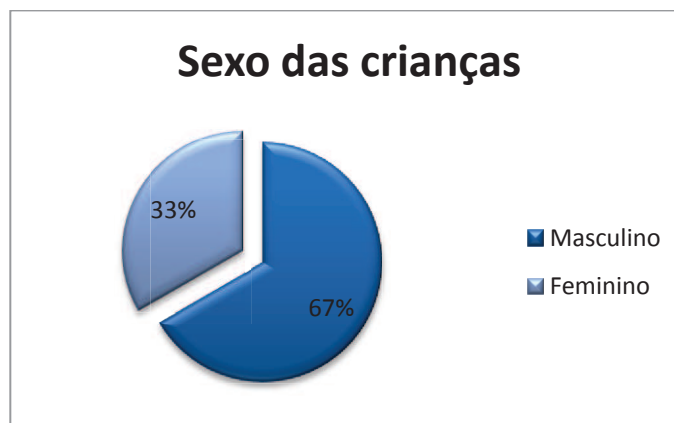
5. Análise de dados

A análise de dados é um dos aspetos mais importantes na realização de um projeto. Com a implementação do projeto “No tempo em que os animais falavam” pretendia que as crianças tivessem conhecimento de outros tipos de histórias e ao mesmo tempo serem motivadas para a leitura.

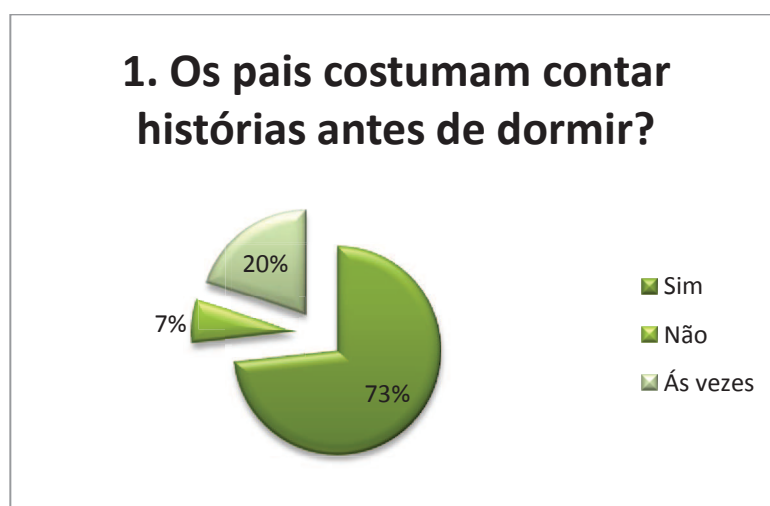
A avaliação que as crianças fazem do projeto é fundamental para saber se foi bem sucesso ou não. De seguida, será feita uma análise das opiniões das crianças. Das vinte e uma crianças, quinze responderam às entrevistas de avaliação de conhecimentos (ver anexo B). as entrevistas foram anónimas e realizadas por mim e as suas respostas foram dadas de forma autónoma.



Ao analisar este gráfico, das quinze crianças entrevistadas, onze crianças têm 4 anos e quatro crianças já têm 5 anos.



A esta pergunta das quinze crianças inquiridas, dez crianças são do sexo masculino e cinco crianças são do sexo feminino.

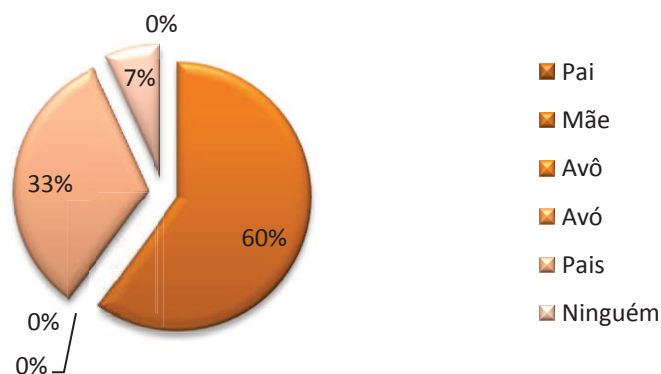


Neste gráfico é possível verificar que das quinze crianças, onze respondem que ouvem histórias antes de dormir, três dizem que ouvem às vezes histórias antes de dormir, por fim temos uma criança que nunca ouve histórias antes de dormir.

Na minha opinião acho que cada vez mais os pais estão dispostos a contar histórias aos seus filhos antes de dormir, já se começa a dar mais importância.

Segundo Abramovich (1993, p. 16), “é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo”.

2. Quem é que costuma contar as histórias?



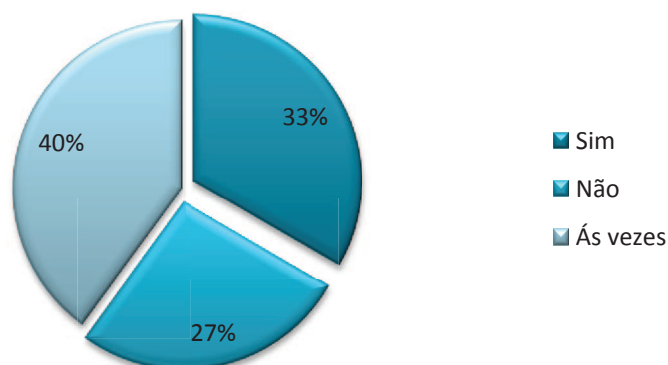
Neste gráfico consegue-se verificar claramente quem costuma contar histórias são as mães, (das quinze crianças entrevistadas oito referem isso), seis crianças disseram que quem costuma contar histórias são os pais e uma criança diz que ninguém lhe conta histórias. Nas opções do avô e da avó não houve qualquer referência.

Na minha opinião as mães estão mais disponíveis para contar histórias aos seus filhos porque são mais sonhadoras que os homens. As mães aproveitam este tempo para estar com os seus filhos.

Alguns contadores de histórias mostram que as crianças, que foram habituadas a ouvir histórias, têm tendência a melhorar os seus comportamentos.

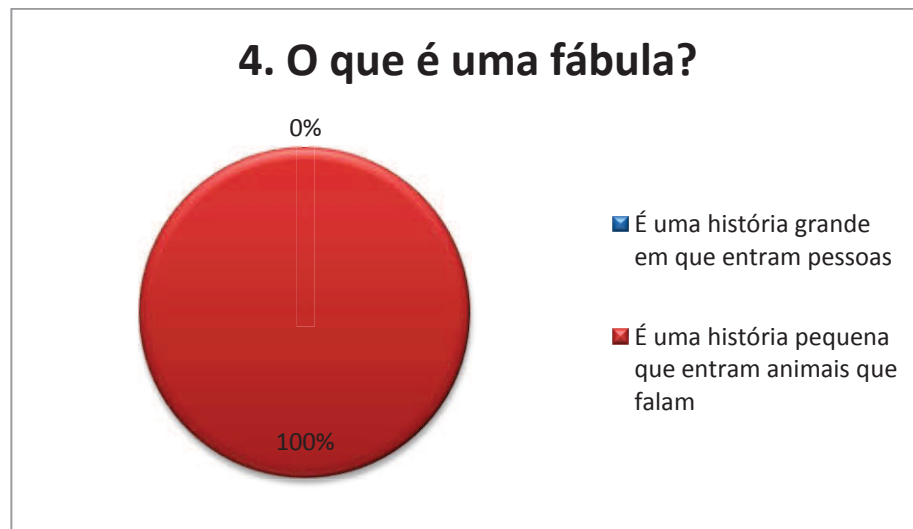
Segundo Abramovich (1993, p. 25), “Os pais que se aproximam dos filhos para contar histórias favorecem a imaginação criadora desta criança que está em formação”.

3. Ouves histórias todos os dias?



Com este gráfico chega-se à conclusão que das quinze crianças que responderam a esta pergunta seis crianças ouvem histórias às vezes, cinco crianças ouvem histórias todos os dias e quatro crianças dizem que não ouvem histórias todos os dias.

Na minha opinião as crianças hoje em dia ouvem histórias todos os dias, através da televisão, em DVD e utilizam cada vez mais as novas tecnologias para verem o que lhes mais agrada.



A esta pergunta todas as crianças mostram saber o que é uma fábula, que foi a definição que lhes foi dada.

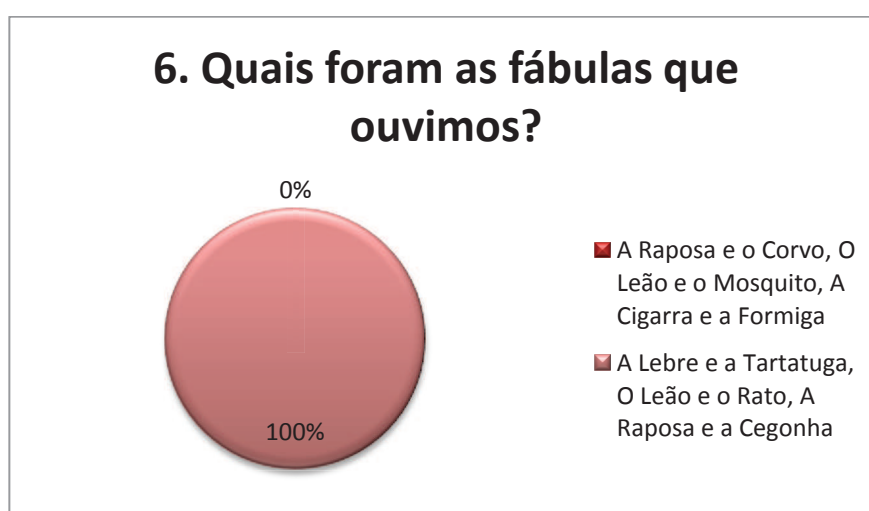
Na minha opinião as crianças aprenderam o que é uma fábula, porque são histórias curtas e para as crianças desta idade é bom para desenvolver a concentração das mesmas, visto que a concentração destas dura cerca de 10 a 15 minutos mais ou menos.



Todas as crianças sabem o que é uma moral, no fim da fábula.

Na minha opinião, as crianças perceberam a diferença entre o bem e o mal.

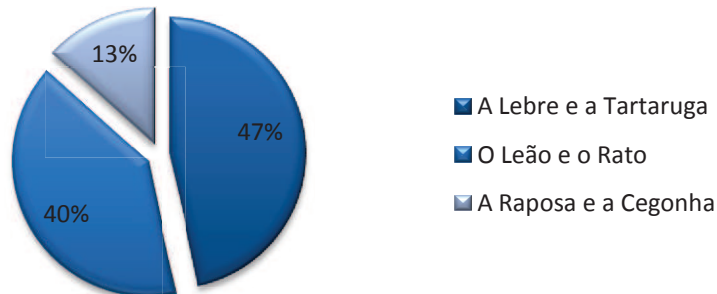
Segundo Monteiro, os valores humanos são uma energia que mexe com os seres humanos. Estão vivos e presentes no pensamento humano a todo momento, determinam o comportamento e orientam a inteligência e a criatividade. Ligam o ensinamento administrado na escola às circunstância da vida, construindo uma consciência da ética e da estética do bem.



Nesta pergunta conseguimos perceber que as crianças tiveram com atenção e que sabiam quais as fábulas que foram ouvidas e trabalhadas em contexto de sala.

Na minha opinião o grupo de crianças souberam bem as fábulas que escolheram e não se esqueceram.

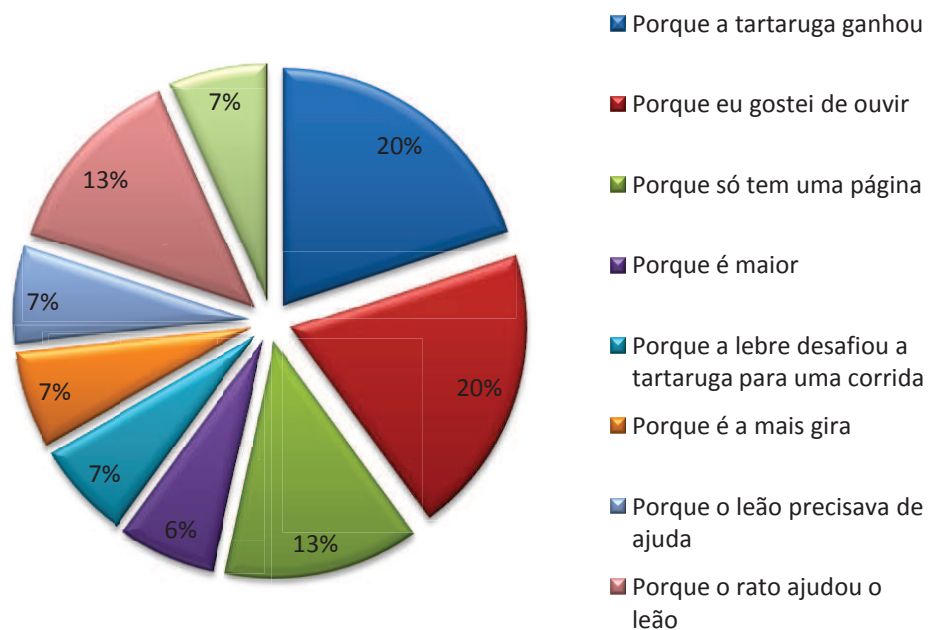
7. Qual foi a fábula que mais gostaste de ouvir?



Com esta pergunta percebe-se que das quinze crianças, a fábula favorita de sete crianças é a Lebre e a Tartaruga, seis crianças preferem a fábula o Leão e o Rato e por fim duas crianças optam pela fábula a Raposa e a Cegonha.

Na minha opinião, a fábula preferida das crianças é a lebre a tartaruga porque é uma história que a maior parte das crianças tem conhecimento, algumas fizeram referência que até já viram o filme na televisão.

7.1. E, porquê?



Aqui neste gráfico o porquê de ser a fábula favorita, as opiniões foram muito diversificadas, das quinze crianças entrevistadas, três dizem que gostam porque a tartaruga ganhou, outras três crianças dizem que gostam porque gostaram de ouvir, duas crianças dizem que gostaram porque a fábula só tinha uma página, outras duas crianças dizem que gostaram porque o rato ajudou o leão, uma criança gostou porque a fábula era maior, outra criança gostou porque a lebre desafiou a tartaruga para uma corrida, uma criança gostou considerando-a como sendo a mais gira, uma criança gostou dizendo que o leão precisava de ajuda, por fim uma outra criança disse que gostou porque na fábula entrava um leão.

Na minha opinião as três crianças fizeram referência à tartaruga porque se identificaram com a mesma, porque achavam que a tartaruga era lenta e indefesa.

Considerações finais

Começo por salientar a satisfação que me deu trabalhar com o grupo de crianças com quem estive a estagiar. Todas, sem exceção, progrediram muito ao longo do projeto, é um orgulho para mim dizer que todas as crianças do grupo sabiam o que era uma fábula e uma moral e com o passar do tempo, algumas crianças já estavam tão envolvidas no projeto que já traziam de casa livros sobre fábulas e pediam que eu lesse.

Embora os resultados da análise das entrevistas não serem totalmente elucidativos, acredito, porque testemunhei, que estas crianças ficaram motivadas por saber o que era uma fábula e o que estas lhes transmitiam. Antes de dar início ao projeto comecei por contar fábulas para que o grupo tivesse um contato mais próximo com as mesmas e percebessem realmente do que se tratava, estas fábulas serviram como sendo um “treino”.

Numa perspetiva concludente começo por relembrar os objetivos que delinee, avaliando se foram ou não alcançados.

Comparativamente ao primeiro e segundo o objetivos que esbocei: 1º Identificar e refletir quais os animais com que as crianças se identificam e; 2º Compreender como é que as fábulas contribuem para a fantasia da criança.

Dos objetivos referidos anteriormente, creio tê-los alcançado com sucesso. Consegui perceber que as crianças identificam-se com um determinado animal, visto como sendo o seu herói da fábula e ao longo do projeto foram percebendo que a interajuda é importante, precisamos sempre de alguém para nos ajudar.

Com o desenrolar do projeto começamos a fazer origamis das personagens que entravam nas fábulas, que por sua vez, eram as suas favoritas. Pude constatar que com estas atividades que as crianças se ajudavam entre si, enquanto eu dava um apoio mais individualizado a uma determinada criança.

A reflexão tem como principal objetivo obter uma informação correta e autentica sobre a sua ação educativa. Mas a reflexão pode servir para justificar a ação procurando assim os pontos fracos e fortes e por sua vez justificar-se. Segundo Zeichner, “o importante é o tipo de reflexão que queremos incentivar nos nossos programas de formação de professores e nas nossas crianças” (1993, p.50).

Os educadores que refletem sobre a sua ação educativa, significa que estão envolvidos num processo de investigação, tentam compreender e melhorar o seu ensino.

Penso que ensinar é mais do que uma arte. É uma procura constante, sempre com o objetivo de criar condições para novas aprendizagens.

Relativamente à elaboração do relatório, a maior dificuldade sentida sem dúvida foi encontrar conteúdos para o referencial teórico, para tornar assim num trabalho mais coeso. A minha ideia desde do início foi fazer entrevistas às crianças, para conseguir obter resultados daquilo que foi implementado com o grupo, dadas as respostas todas as entrevistas foram analisadas e para cada pergunta foi criado um gráfico. Após ter criado cada gráfico, os mesmos têm um pequeno comentário das respostas obtidas.

Como futura educadora, creio que este meio de trabalho de investigação seja fundamental não só para os educadores, mas também, para as crianças. O educador investigador deve ser reflexivo , ou seja, na investigação a reflexão é necessária mas não chega.

Creio, que um profissional da educação deve estar sempre em contante aprendizagem, a investigação é um bom meio para conhecer as crianças, os seus gostos e interesses, assim estamos a proporcionar aprendizagens lúdicas, envolvendo as várias áreas de conteúdo.

Referências bibliográficas

- Abramovich, Fanny. (1993) *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione.
- Bertrand, Y., Valois, P. (1900). *Paradigmas educacionais*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Bettelheim, B. (2008). *Psicanálise dos contos de fadas*. 13ª Edição. Lisboa: Bertrand Editora Lda.
- Bierderman, H. (1994). *Dicionário ilustrado de símbolos*. Brasil: Melhoramentos.
- Bogdan, R., Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Chevalier, J., Gheerbrant, A. (1982). *Dicionário dos símbolos*. Lisboa: Editorial Teorema Lda.
- Fernandes, D. (2003). *A literatura infantil*. Brasil: Edições Loyola.
- Friedmann, A. (2005). *O Universo simbólico da criança*. Brasil: Editora Vozes.
- Gesell, Arnold. (1979). *A criança aos 5 anos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Guerreiro, M. (1978) *Para a história da literatura popular portuguesa*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa.
- Klausmeier, H. (1915). *Manual de Psicologia Educacional*. Brasil: Editora Harper.
- Kuhn, Thomas. S. (1991). *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva.
- Licoln, Y., Guba, E. (1985). *Naturalistic inquiry*. California: Newloury Park.
- Ludke, M., André, M. (1986). *Pesquisa em educação abordagens qualitativas*. Brasil: EPU.
- Monteiro, L. (1970). *Obras completas*. São Paulo: Brasiliense.
- Parafita, A. (1999). *A Comunicação e a Literatura Popular*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas.
- Parafita, A. (2001). *Antologia de contos populares*. Lisboa: Plátano Editora S.A.
- Pereira, Luciano. (2007). *A Fábula em Portugal*. Porto: Editora Profedições, Ida.

Sousa, A. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação*. Lisboa: Instituto Piaget.

Tuckman, B., (2000). *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Vygotsky, L. S. (1990). *La imaginación y el arte en la infancia*. 2ª edição. Madrid: Ediciones AKALS S.A.

Waters, F. (2010). *As Fábulas de Esopo*. Porto: Civilização Editora.

Zeichner, K. (1993). *A formação reflexiva de professores: Ideias e práticas*. Lisboa: Educa.

ANEXOS

Anexo A: Grelha com a simbologia de cada animal

Animais	Simbologia
Coruja	Sabedoria, bons conselhos, vigilância e meditação; capacidade de exagerar nas trevas, filosofia
Raposa	Astúcia, esperteza
Lobo mau	Metáfora do homem sedutor, dos instintos maus do homem; poder, domínio do mais forte, malvadeza
Leão e urso	Força, majestade e poder real
Porco	Gula, instintos bestiais
Floresta	O mundo, o desconhecido e os seus perigos
Água	Vida
Branco	Inocência
Vermelho	Vida, sangue
Touro	Força
Formiga	Símbolo de perseverança, tranquilidade, paciência; trabalho
Dormir	Morte corporal
Bruxa	Natureza madrasta
Cordeiro	Ingenuidade
Sapo	Fállico; misto de curiosidade e atração que as raparigas e princesas sentem por ele
Cavalo	Força, poder
Caçador	Paterno e protetor
Cigarra	Preguiça; pessoa despreocupada

Anexo B: Entrevistas de avaliação de conhecimentos – crianças

ESEIMU Curso: Mestrado em Educação Pré-Escolar

Entrevista

Esta entrevista destina-se à recolha de dados para a realização de um trabalho de fim de curso.

As informações serão mantidas sob anonimato.

Idade

Sexo:

Masculino ☐

Feminino ☐

1. Os pais costumam contar histórias antes de dormir?

Sim ☐

Não ☐

2. Quem é que costuma contar as histórias?

Pai ☐

Mãe ☐

Avô ☐

Avó ☐

3. Ouves todos os dias histórias?

Sim ☐

Não ☐

Às vezes ☐

4. O que é uma fábula?

É uma história grande em que entram pessoas ☐

É uma história pequena em que entram animais que falam ☐

5. O que é uma moral?

É o que devemos fazer de mal ☐

É um ensinamento, que devemos sempre cumprir ☐

6. Quais foram as fábulas que ouvimos?

A Raposa e o Corvo, O Leão e o Mosquito, A Cigarra e a Formiga ☐

A Lebre e a Tartaruga, O Leão e o Rato, A Raposa e a Cegonha ☐

7. Qual foi a fábula que mais gostaste de ouvir?

A Lebre e a Tartaruga ☐

O Leão e o Rato ☐

A Raposa e a Cegonha ☐

E, porquê?
